

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura Luso-brasileira, no século XX (primeira metade)

*Maria Aparecida Franco Pereira**

O objetivo deste estudo é dar destaque à trajetória de João Luso (1875–1950), português que atuou no Brasil no final do século XIX e, sobretudo, na primeira metade do XX. Teve importante trajetória no jornalismo brasileiro, carioca.

Foto 1. João Luso



Fonte: BR. Revista *Fon Fon*, 09 ag. 1924, p. 39.

* Professora da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS); integrante do Laboratório de Informação, Arquivo e Memória da Educação (LIAME) da mesma universidade.

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

Observador do cotidiano, Luso registrou costumes e formas de relacionamento entre as pessoas. Com visão acurada, registrou em jornais, revistas, periódicos, folhetins e obras literárias essa vivência. Intelectual, formador de opinião, e considerado mediador, definido como um dos “homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social”.¹ Homens como ele não eram vistos como ‘gênios’ que explicavam as mudanças, considerados importantes para melhor entendimento das mudanças culturais e sociais.

João Luso atuou em uma época em que a imprensa se desenvolvia dia a dia e era propícia à entrada de pessoas que tinham pendência literária ou talento para a escrita. No entre séculos XIX-XX, o jornalismo vinha se normatizando e os jornais - embora muitos efêmeros - eram, cada vez mais, procurados e lidos nas bibliotecas de grandes instituições, sobretudo pelo público da classe média emergente. Em Santos, a biblioteca da Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio (1879), tinha um salão onde imigrantes portugueses² letrados faziam suas leituras.

O jornalismo brasileiro teve em suas fileiras, nos primeiros tempos, jovens com pendão literato, que viam nos jornais uma possibilidade de exercer ‘sua pena’. Uma questão que se colocou nessa época era se o jornalismo servia ou não aos literatos. João do Rio,³ em 1917, entrevistou inúmeros intelectuais da época, dirigindo-lhes a seguinte pergunta: - “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”

Olavo Bilac, um dos entrevistados, respondeu:

O jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler. (...) o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade. O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que nos desconheciam se não fosse a folha diária (...)⁴

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

Mais adiante, Olavo Bilac testemunharia: - “Poucos lêem, porque grande é o número de analfabetos. E por que não lê? Porque não sabe! (...)”⁵

Nessa mesma série de entrevistas, João Luso assim se pronunciou: - “Acho que o jornalismo não favorece no Brasil a literatura; mas o jornalismo serve aos literatos”, pois o jornalista tem que atender aos interesses imediatos do público.

As revistas ilustradas que começavam a surgir e os jornais apresentavam “ideias, fatos, *fait-divers*, modas, tendências, rumores, livros, espetáculos, personalidades e tudo o mais que preenchia a agitada vida quotidiana das multidões no último quartel do século XIX e no início do século XX”.⁶

Armelin considerava várias funções civilizatórias para a imprensa, que a tornavam atraente para o público leitor que, aos poucos, se escolarizava e tinha acesso às letras:

(...) um espírito público sempre e cada vez mais ávido de notícias e ansiado por ser largamente informado com precisão e rigor: 1) a informação; 2) a vulgarização (de conhecimentos úteis); 3) a instrução; 4) a educação; 5) a crítica; 6) o serviço econômico-social (no caso dos jornais angariadores de campanhas de assistência e beneficência públicas); e 7) o exemplo, ou seja, a criação e defesa de um ambiente de moralidade, probidade e dignidade.

A imprensa, portanto, informava, divulgava e formava. Foi nesse contexto que atuou João Luso, que viveu a maior parte de sua vida no século XX, com novas questões, mas com continuidade de mentalidade e problemas.

Sua formação básica foi em Portugal. Como ele um dia mencionou:

Fui aluno dois anos do Colégio S.Tomaz de Aquino, anexo ao Seminário de Coimbra [1887 – 1889]. Depois, hóspede da casa de estudantes do Sr. Antonio das Batatas, na mesma cidade [até 1982]. Prestei no Liceu os exames exigidos para entrar na Escola Militar.⁷

Com a morte do pai, abandonou os estudos para trabalhar. Chegou ao Brasil em janeiro de 1893. Sua formação literária foi autodidata, com leituras e, seguramente, em contato com outros jornalistas e intelectuais (na sua época, Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade) circulavam pelos jornais Olavo Bilac, Coelho Neto dentre muitos outros). “Quanto à cultura, propriamente para o mister das letras, iniciei-a no Brasil e tenho-a adquirido tanto quanto possível, lendo o mais possível nas horas vagas”, trabalhando em São Paulo como caixeiro.⁸

Começou sua atividade jornalística nas horas vagas de seu afazer, de “modo ousado”, pois, em 1894, enviou uma matéria inédita e anônima, de sua autoria, para o *Diário Popular*, um dos mais importantes jornais, dirigido por José Maria Lisboa, jornalista português de renome na capital paulista. “Contava eu entre 18 e 19 anos; era ajudante de guarda-livros de uma casa comercial; estava apenas há um ano no Brasil; e as saudades da minha vila da Louzan me empunham um desabafo literário. Fui forçado a escrever.”⁹

Foi adquirindo nome e escrevendo crônicas para: *Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Reporter*, *Revista Literária* e *Paulicéia*.¹⁰ Ao surgir uma oportunidade, em 1898, mudou-se para Santos: cidade portuária e já grande centro econômico do café.

Na função de secretário do *Diário de Santos*, João Luso escreveu na coluna denominada “A Semana”.¹¹

E invariavelmente, infalivelmente, todas as segundas-feiras, aqui me tiveste resignado, solícito, laborioso, a rabiscar, a emendar, a apropriar, sem me poupar cancelas, sem te dizer do esforço e do cuidado aplicados a obscura obra, sem que da alma sacrificada me saísse nunca a queixa ou murmúrio de revolta.

Aí tens tu, Leitor que me esperas todas as terças-feiras para me jogares pela janela da memória todas as quartas; aí tens tu, amável, benévolo e paciente Leitor, o que nós somos, o que eu fui, nestes doze meses preenchidos por cinquenta e duas crônicas.¹²

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

Os textos dessa sua fase, ainda juvenil, com a assinatura J L, tinham forte tônica ética:

As suas palavras, leva-as o vento, inimigo de todas as folhas, que todas dispersas e a todas dá sumiço; leva-as o vento sim, para onde? – para toda a parte, para nenhures, para o desconhecido, para o esquecimento.¹³

O respeito pela velhice foi sempre considerado um sentimento tão natural, tão instinto, que todo o individuo alheio a ele se nos afigura um bruto sem alma, um destes monstros que a natureza arreda do seu seio, atirando-os na categoria exótica dos fenômenos, das aberrações”.¹⁴

Pode-se observar, já nessa época, o seu pendor literário, manifesto desde os primeiros anos de Santos, nas palavras que se seguem:

E’ que a mim – fica-o sabendo agora como razão de tudo o que leste – a mim basta-me o prazer de trabalhar, não me prejudicando nem perturbando esse prazer o pouco apreço que tu vais dar ao meu trabalho; isto que eu faço, recompor, castigar, inutilizar o que já está pronto para recomeçar de novo, e riscar outra vez e avançar mais uma linha, no insaciável desejo do Belo, na escaldante e turbulenta febre da Perfeição, faço-o porque só assim é que me apraz e sem isto eu não teria ao final do meu labro, esse supremo regozijo, essa requintada e divina alegria, que nenhuma outra se compara e que provém do impecável cumprimento do dever artístico dessa consoladora certeza de haver feito o melhor que eu podia e sabia fazer.¹⁵

Em 1900, João Luso ‘levanta vôo’ para o Rio de Janeiro, capital do Brasil, onde se localiza a maior colônia portuguesa no país, onde exerceu a maior parte de sua atividade jornalística, festejando aí, em 1946, o cinquentenário de sua carreira literária. Nascido em 12 de junho de 1875, até sua morte, em 6 de janeiro de 1950, atuou no Rio de Janeiro, também capital cultural e econômica do Brasil.

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

Foto 2. João Luso e esposa nas ruas do Rio de Janeiro



Fonte: BR. *Fon Fon*, 15 mai. 1909, p. 24.

Na capital brasileira, seu raio de ação foi grande, pois os jornais e revistas ilustradas circulavam nas bibliotecas dos principais centros populacionais do país. Armando Erse de Figueiredo era seu nome de família, porém atuou, sobretudo, com os pseudônimos: João Luso¹⁶ e Clara Lúcia.

A questão do pseudônimo assim se explica: Não agradaria à firma Martins Costa & Cia saber que o seu empregado Armando Erse se entregava à literatura. Ainda hoje os negociantes, e que no mundo inteiro, pensam do mesmo modo... E quando deixei o comércio (fins de 1897) era tarde para abandonar a assinatura que já figurava em vários jornais e na capa de um livro. Tive pena. Conservei nas letras, o João Luso, e disso nunca me arrependi. Um auto-batismo de sorte. Conforme disse Paulo Barreto, em artigo para o 'Jornal do Comércio', sobre minha 'Comédia urbana', foi ele que inspirou ao cronista brilhante o nome de guerra 'João do Rio'. E do mesmo João se originaram João do Norte, João do Sul, João de Minas, João de Talma, João Apenas. João Só, inumeráveis outros Joões espalhados pelo Brasil. Talvez este final não prime pela modéstia. Mas foi assim mesmo.¹⁷

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

Jornalista, contista, crítico literário, autor e tradutor de peças literárias, escreveu sobre os mais variados assuntos da sua contemporaneidade, muitos encomendados. Ainda na infância, compôs também versos como *Pecados Mortais*.¹⁸

João Luso representava uma nobre e fulgida tradição literária. Tendo iniciado aos 18 de anos sua atividade jornalística, ele a prolongou vivazmente até os seus 75 anos, que foi a idade com que faleceu. Nesse longo exercício da pena, versou numerosos gêneros: o conto, a crítica, o teatro, a meditação filosófica, o diálogo, a memória, o discurso acadêmico. Mas foi sobretudo como cronista – e principalmente nos seus excelentes rodapés *Dominicais* do Jornal do Comércio, que ele se tornou credor do amor dos belos espíritos.¹⁹

Amiúde, foi convidado a proferir palestras ou conferências, no Rio de Janeiro e em outras partes do país, reunindo-as em obras como *Quatro conferências e Terras do Brasil*. Jaime Franco apontou que João Luso esteve em Santos para ministrar duas conferências: *Variações sobre a graça feminina*²⁰ e *O amor nas trovas populares* (3 nov. 1921). Fez diversas viagens, também, à Europa (Portugal, Itália e Paris).



Fonte: BR. *Fon Fon*, 17/04/1909, p. 27.

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

Na *Revista da Semana*, Armando Erse de Figueiredo usa, em vários momentos, o pseudônimo João Luso para inúmeros assuntos. São aqui destacados apenas alguns exemplares: *Bacharelização*,²¹ onde ele critica a questão dos doutores; *Alegria*,²² quando saúda a nova estação; “Alegria de junho! Alegria! Nesta quadra bendita os dias nascem numa gargalhada de luz e morrem meigamente sorrindo”.

Esse último artigo é ilustrado com vários retratos de mulheres sorrindo: *As humildes*,²³ com ilustrações variadas, trabalhadoras em várias profissões. Em outra edição presta uma homenagem ao ilustrador Raul, com o artigo *O caçador de imagens*.²⁴ Em dois artigos aqui selecionados, descreve tipos da vida cotidiana: *Um incompreendido*²⁵ e *Um homem de negócios*.²⁶

Com o pseudônimo de Clara Lucia, trata da questão feminina, por um lado elogiando as virtudes femininas, a beleza e os cuidados com a família; por outro atacando as feministas, que exageravam, querendo “parecer homens”, bem como o esnobismo, o exibicionismo de riqueza, quando havia milhares de pobres. No artigo intitulado *Frau Branderff*, Clara Lucia ironiza a pequena pena sofrida por Frau Branderff por ter matado o marido que a maltratava. Reconhece, entretanto, os maus tratos que homens infringiam às suas esposas e incentiva a luta pela igualdade de direitos feminis.

Tabela 1. Artigos assinados por Clara Lucia (João Luso),
na Revista da Semana, Rio de Janeiro

Artigos	Data de publicação
<i>Frau Branderff</i>	08/09/1923
<i>As de smoking</i>	03/04/1926
<i>A mulher e o amor</i>	17/04/1926
<i>Duas mães</i>	08/05/1926
<i>Oração de junho</i>	19/06/1926
<i>Chan e os outros</i>	24/06/1926
<i>As vigilantes de Osaka</i>	28/08/1926
<i>A máscara de fogo</i>	18/09/1926
<i>Falar bem</i>	18/10/1930

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

<i>Bendita seja a árvore</i>	23/12/1933
<i>A tragédia da beleza</i>	03/02/1934
<i>O trophéo</i>	17/02/1934

Fonte: *Revista da Semana*, 1923 a 1934. Elaboração própria

Como João Luso, ou Clara Lucia, sua produção escrita é muito extensa e continua hoje a exigir uma busca exaustiva em arquivos, pois os seus escritos, em jornais e revistas literárias, cobrem mais de cinquenta anos de atividade.

Eis a crítica de uma dessas obras: *Elogios*²⁷ (1916):

Muitos leitores hão de estranhar o segundo nome, muito conhecido, entre parêntesis em seguida ao primeiro, que pouca gente conhece. O primeiro é que parece um pseudônimo (...) e é de fato o pseudônimo civil do literato João Luso, nome que é para nós como o controle de excelência nos produtos da ourivesaria.

‘Elogios’ confirma plenamente este critério do publico. Bom senso, elegância, graça e emoção fazem destes perfis, aparentemente ligeiros, porque são breves, verdadeiras joias literárias. Um camafeu é exíguo, e pode ser uma obra prima.

Na gema do sentimento, o autor burila perfis de personalidades bem diversas, que vão de Machado de Assis ao Juca do Recreio. Mas em arte todos os assuntos são bons, e não estranha nessa pequena galeria, o barão do Rio Branco de Manuel José da Motta, porteiro do *Jornal do Commercio*.

Ainda há a notar a coragem do autor em publicar um livro de *Elogio*, quando hoje toda a gente cede à fácil fraqueza de escrever descomposturas. É que, como artista que é de palavras, João Luso não pôde deixar de ser um pouco paradoxal...

E não é por imitá-lo que elogiamos francamente os *Elogios*; mas porque o demo do livrinho não tem por onde se lhe pegue para dar-lhe bordoadas. São sempre assim os livros de João Luso. A. S.²⁸

Autor de numerosas obras, muitos delas foram publicadas na imprensa, como demonstra a tabela que se segue:

Tabela 2. Publicações de João Luso na imprensa

Título	Ano de publicação
<i>Contos da minha terra</i>	1896
<i>Prosa</i>	1904
<i>Histórias da vida</i>	1907
<i>O amor, tragédia e farsa</i>	1907
<i>Ao sol e à neve</i>	1909
<i>Elogios</i>	1916

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

<i>As entrevistas de Expedito Faro</i>	1917
<i>Comédia urbana</i>	1920
<i>Reflexo do Rio</i>	1923
<i>Os Menezes de Haddock Lobo</i>	1925
<i>O despenhadeiro</i>	1925
<i>Contos de Natal</i> (1. ed.)	1930
<i>Viajar</i>	1932
<i>Terras do Brasil</i>	1933
<i>Ares da cidade</i>	1935
<i>Alegria e ternura</i>	1935
<i>Os animais, vossos irmãos</i>	1937
<i>Criminosos</i>	1938
<i>Assim falou Polidoro</i>	1941
<i>Orações e palestras</i>	1941
<i>Fruta do tempo</i>	1945

Fonte: “João Luso”. Autores e Livros: suplemento literário de *A Manhã*, v. 11, n. 3 (março de 1950), p. 32. Elaboração própria.

Em 1907, João do Rio (1917, p.66) pergunta a João Luso: - “Qual dos seus livros prefere?”. Ao que Luso responde: - “A escolha não é difícil. Tenho apenas dois livros publicados; prefiro o segundo, Prosa, porque me parece um pouco mais bem escrito. Mas dos trabalhos nele contidos não prefiro nenhum porque todos estão muito longe daquilo que eu quisera escrever”.

Em entrevista dada à *Revista da Semana*, em 9 de novembro 1946, sobre sua produção, João Luso faz um cômputo, por alto, sobre milhares de seus escritos. Escreveu ou traduziu peças teatrais (cerca de 30). A sua obra de teatro *Nó Cego* foi premiada e sua apresentação inaugurou o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1911. Crítico literário, durante muitos anos participou analisando obras na seção “Livros Novos” do *Jornal do Comércio*.

Dos inúmeros periódicos de que fez parte dois são os mais importantes, onde trabalhou durante anos ininterruptos: o *Jornal do Comércio* e *Revista da Semana*.

No *Jornal do Comércio*, começou em setembro de 1901, inaugurando a seção *Dominicais*. (no rodapé, folhetins). Computou, em 1946, 52 folhetins anuais,

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina* (XIX-XXI). Historias de migraciones y de movildades

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade) número que multiplicados pelos seus 45 anos como escritor, dariam cerca de 2.340 obras.

A sua produção literária, de teor estético reconhecido, e os contatos cordiais que mantinha com a intelectualidade carioca deram-lhe a honra máxima almejada pelos literatos: ser membro da Academia Brasileira de Letras, embora como membro correspondente atuante, na década de 1930.

No mesmo *Jornal do Commercio*, manteve uma publicação que muito o agradou, desde o ano de 1902, por ocasião das festas natalinas: *Os contos de Natal* (publicados depois em livro).

Foto 2. Livro publicado em 1930



Fonte: LUSO (1930)

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

Durante 15 anos escreveu artigos mais curtos no jornal *A Noite*. Na *Revista da Semana*, editou artigos por mais de 25 anos, com os dois mesmos pseudônimos.

Tabela 3. Publicações de Clara Lucia na (*Revista da Semana* (Rio de Janeiro))

Título	Data:
<i>Frau Branderff</i>	08/09/1923
<i>As de smoking</i>	03/04/1926
<i>A mulher e o amor</i>	17/04/1926
<i>Duas mães</i>	08/05/1926
<i>Oração de junho</i>	19/06/1926
<i>Chan e os outros</i>	24/07/1926
<i>As vigilantes de Osaka</i>	28/08/1926
<i>A máscara de fogo</i>	18/09/1926
<i>Falar bem</i>	18/10/1930
<i>Bendita seja a árvore</i>	23/12/1933
<i>A tragédia da beleza</i>	03/02/1934
<i>O tropheo</i>	17/02/1934

Fonte: *Revista da Semana*, 1923 a 1934. Elaboração própria.

Ao ser perguntado sobre a maior emoção de sua carreira literária, na entrevista de 1946, respondeu: “Rigorosamente a maior não sei qual tenha sido. Talvez a que experimentei e não consegui dominar nem disfarçar”, foi a homenagem nos festejos do Cinquentenário da publicação de *Contos de minha terra*, pela Federação das Associações Portuguesas no Brasil. O que mostra a importância que o escritor Erse (João Luso) teve para a colônia lusa e, de sua parte, sua ligação com sua primeira pátria: Portugal.

¹ GOMES; HANSEN (orgs.), 2016, p. 10.

² Os grupos de imigrantes tinham suas entidades, que, além do apoio para a sobrevivência, buscavam aprimorar a sua cultura de leitura. Em Santos, principalmente os portugueses, espanhóis e italianos: *Real Centro Português* e *Centro Republicano Português*; *Centro Español y Repatriación de Santos* e *Società Italiana di Beneficenza di Santos*.

³ O *Momento Literário*, obra de *João do Rio* (1917), apresenta as inúmeras entrevistas, que realizou com literatos atuantes no Rio de Janeiro, (dentre eles Olavo Bilac, Coelho Neto, Afonso Celso, Garcia Redondo, Raimundo Correia, Inglês de Sousa, Rocha Pombo e o jornalista e escritor central deste estudo, João Luso). João do Rio (João Paulo Emílio

Cristóvão dos Santos Coelho Barreto). Membro da Academia Brasileira de Letras, ele viveu entre 1881 e 1921 e foi jornalista, cronista, teatrólogo e tradutor.

⁴ Olavo BILAC, apud. Paulo BARRETO, (João do Rio), 1917.

⁵ *Ibidem*.

⁶ BARROS, 2014, p. 49.

⁷ BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 1946, p. 25.

⁸ Os jovens portugueses imigrantes que tinham algum conhecimento de leitura e escrita eram empregados no comércio exportador ou importador pelos proprietários patrício e eram, na época, conhecidos caixeiros.

⁹ BR. *Revista da Semana*, 1946, p. 23.

¹⁰ FIGUEIREDO (João Luso), 1950. BR. *A manhã*, v. 11, n. 3, mar. 1950, p. 32.

¹¹ BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1899, p. 2.

¹² BR. *Diário de Santos*, 27 dez. 1899, p. 2.

¹³ BR. *Diário de Santos*, 27 dez. 1899, pp. 5-6.

¹⁴ BR. *Diário de Santos*, 27 dez. 1899, p. 1.

¹⁵ BR. *Diário de Santos*, 27 dez. 1899, p. 6.

¹⁶ Foi o inaugurador de uma série de nomes literários, como o do famoso seu contemporâneo João do Rio (pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (Rio de Janeiro 5 ag. 1881 — 23 jun. 1921). Aos vinte e poucos anos, João do Rio já era conhecido na sua atividade jornalística, como um escritor, repórter e cronista da vida dos pobres. Viajou, também, pela Europa e foi crítico da política nacional da República Velha, militou, sobretudo, na *Gazeta de Notícias*, onde permaneceu de 1903 até 1913.

¹⁷ BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1946, p. 54.

¹⁸ BR. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro???, 23 dez. 1911, p. 41.

¹⁹ FIGUEIREDO (João Luso), 1950. *A Manhã*, v. 11, n. 3, 3 mar. 1950, p. 32.

²⁰ BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 15 out. 1921.

²¹ BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 1º nov. 1933, p. 1.

²² BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 12 jun. 1926.

²³ BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1933.

²⁴ BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 03 set. 1942.

²⁵ BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1934.

²⁶ BR. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1926.

²⁷ PT. *Elogios*, Porto: Renascença Portuguesa, 1916.

²⁸ BR. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1916, p. 48.

Referências bibliográficas

BARRETO, Paulo (João do Rio) (1917). Rio de Janeiro, *Momento Literário*.

BARROS, Júlia Teresa Pinto de Sousa Leitão de. *O Jornalismo Político Republicano Radical. O Mundo (1900-1907) Tomo I*. 2014. Dissertação (Doutorado em História Contemporânea Institucional e Política de Portugal) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

João Luso, intelectual jornalista, presença da cultura luso brasileira, no século XX (primeira metade)

GOMES, Angela de Castro e HANSEN, Patrícia Santos (orgs.) (2016). *Intelectuais*

mediadores: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FIGUEIREDO, Armando Erse de (João Luso) (1950). Autores e Livros: suplemento literário de *A manhã*, v. 11, n. 3, março de 1950.

LUSO, João. *Contos de Natal*. Rio de Janeiro, 1930.

SARDICA, José Miguel (2009). “O jornalismo e a *intelligentsia* portuguesa nos finais da a Constitucional”. *Comunicação & Cultura*, 7.